

A FILOSOFIA DA TÉCNICA DE VITTORIO HÖSLE AMPLIFICADA PELA PSICOLOGIA DO *FLOW* DE MIHALY CSIKSZENTMIHALYI^{1,2}

Gabriel Almeida Assumpção^{3,4}
gabrielchou@gmail.com

Resumo: Apresentamos uma proposta de debate entre a filosofia da técnica de Vittorio Hösle (1960-) e a psicologia ambiental, mais especificamente a psicologia do *flow* de Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021). O pensamento de Hösle sobre técnica e ecologia é uma expansão do pensamento de Hans Jonas (1903-1993), porém enfatizando temas como valores e economia. A partir de paralelos entre os raciocínios de Hösle e Csikszentmihalyi, buscamos verificar afinidade entre a psicologia ambiental e teses hösleanas. Em seguida, a partir de estudos atuais sobre psicologia do *flow* e psicologia ambiental, averiguamos se há ampliação da filosofia da técnica com o conteúdo empírico sobre ecologia e economia, com vistas a um aprofundamento do vínculo entre os dois domínios, tal como proposto pelo próprio Hösle, incentivando o estudo de dois pensadores ainda pouco trabalhados no país.

Palavras-chave: Csikszentmihalyi, *flow*, Hösle, psicologia ambiental, filosofia da técnica.

¹ Recebido: 01-02-2024/ Aceito: 16-04-2024/ Publicado on-line: 30-06-2024.

² Dedico este artigo ao Vittorio.

³ É professor na Pontifícia Universidade Católica Minas Virtual (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

⁴ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0079-4379>.

1. Filosofia da técnica e psicologia ambiental em diálogo

A reflexão filosófica de Vittorio Hösle (1960-) possui forte dimensão ética, em diálogo com a história da filosofia (especialmente Platão, G. Vico, G. W. F. Hegel, H. Jonas e K. O. Apel), mas não se detém nisso, apresentando preocupações com o tempo presente e suas diversas crises: crise política (Hösle, 1991, p. 121-146; 2019, p. 72-136/174-204/209-212), crise ecológica (Hösle, 1991) e crise dos refugiados (Hösle, 2017; 2019, p. 155-173). O filósofo afirma que a especulação e a fundamentação teórica sólida são importantes na ética, mas acrescenta que a filosofia moral deve lidar, também, com aspectos empíricos e as questões levantadas pela experiência (Hösle, 1992a, p. 11). Um campo privilegiado em que esses aspectos se integram harmoniosamente é a filosofia da técnica, uma espécie de sucessor espiritual da filosofia da natureza nos séculos XX e XXI. Embora as reflexões sobre a técnica já ocupassem espaço na filosofia antiga, no século XX o alcance desse problema se expandiu, nascendo essa disciplina autônoma (Hösle, 1992b, p. 87).

A filosofia da técnica surgiu como disciplina devido a uma série de fatores, como as Revoluções Industriais, o avanço da biologia e da química e suas ramificações éticas, além do fato de que a matemática da técnica é muito complexa para o trabalho especializado, sendo necessário um campo mais abrangente, como a filosofia, para auxiliar no trato com esse problema. A técnica é algo especificamente humano e, nessa medida, objeto de ciências humanas, e não naturais, possuindo relação tanto com a origem do *Homo sapiens* (como no caso da paleologia e da antropologia) quanto com um possível fim dele (pensemos em armas nucleares e

biológicas, crise ecológica). Paradoxalmente, então, a técnica transforma o mundo e o ser humano, mas porta em si a capacidade de negar o mundo e a própria humanidade (Hösle, 1992b, p. 88-89). Em seus escritos voltados para ecologia, o filósofo italiano com cidadania alemã e norte-americana enfatizará a ética e a responsabilidade diante dos avanços tecnocientíficos. Ele associa essas reflexões com as ideias de idealismo objetivo e de realismo moral, noções inter-relacionadas. No primeiro caso, a inspiração é Wilhelm Dilthey (1883-1911) e, no segundo, as fontes principais são Platão (428 ou 424 a.C.-348 a.C.) e Max Scheler (1874-1928). Na história da filosofia ocidental, há alternância entre três modos principais de se filosofar: o realismo, o idealismo subjetivo e o idealismo objetivo. De acordo com o realismo, o princípio do conhecimento é passivo, receptivo e nossa consciência não possui papel ativo no conhecimento da realidade. Já para o idealismo subjetivo, o mais importante princípio do conhecimento é a consciência – seja individual, como em Fichte, seja coletiva, como em concepções de construtivismo social. O idealismo subjetivo é uma síntese entre realismo e idealismo subjetivo, e segundo essa postura ontológica e epistemológica, o conhecimento da realidade objetiva é possível, mas não apenas passivamente, e sim com empenho ativo da consciência. A consciência humana é reflexo de uma estrutura mais abrangente, a razão objetiva, que se explicita como a própria estrutura da realidade. Nossa razão, finita, tenta conhecer a realidade e esse processo significa, em última instância, refletir sobre a própria razão objetiva (Hösle, 1997, p. 205-208).

Tão relevante quanto o idealismo objetivo, para Hösle (1991, p. 69-75), é o realismo moral, o qual só é possível no idealismo objetivo, que não naturaliza a ética e nem relativiza os valores, como no caso de construtivismos sociais próprios do idealismo subjetivo. O realismo dos valores é uma forma de romper com a radical dualidade entre fatos e normas que marcam muitas teorias éticas da filosofia moderna, destacando-se Kant. A lei moral, segundo Hösle, possui uma autonomia ontológica, não como separada do mundo natural, mas como seu próprio fundamento. Essa afirmação, por mais ousada que soe, é consistente com a ideia da razão objetiva como estrutura da realidade. A razão em sua dimensão prática, a lei moral, é o fundamento do real, inclusive da natureza, é o solo comum do qual partem natureza e espírito: com isso, garante-se que o mundo físico também seja dotado de valores e de direitos.

Hösle nota (1991, p. 16; p. 33-34) que, na abordagem de Hans Jonas à ética nas obras *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica* (1979) e *Materia, espírito e criação* (1988), faltam reflexões sobre uma forma ecologicamente compatível de se reorganizar a economia, fundamentando essa posição em Ernst-Ulrich von Weizsäcker, que foi diretor do Instituto para a Política Europeia do Meio Ambiente de 1984 a 1991. Para este, o paradigma político da economia, vigente no século XX, deveria ser substituído, no século XXI, pelo paradigma da ecologia. Uma política adequada para o século XXI é a que assegura a subsistência do meio ambiente, e não apenas a que possibilita o crescimento quantitativo da economia. Com isso, não se exclui a importância da economia, mas ela se torna

direcionada a uma vida mais consciente, sem foco em satisfação de necessidades superficiais e no consumismo.

Diante das reflexões de Hösle, consideramos a obra de Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021), um dos mais importantes psicólogos do século XX (embora ainda pouco estudado no Brasil). Ele também refletiu sobre a técnica moderna e o problema do consumismo, embora com recursos teóricos distintos. Ele afirmou que, no mundo contemporâneo, ciência e tecnologia, embora promovam melhoras positivas, também podem ser usadas para o mal com um poder jamais imaginado (Csikszentmihalyi, 2003, p. 100).

Mihaly Csikszentmihalyi é um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que notou, desde novo, que muitos adultos não sabiam viver em meio a dificuldades, e buscou pensar em uma maneira de ajudar as pessoas a lidarem melhor com o sofrimento. Isso já foi uma inspiração para desenvolver sua maior intuição, o conceito de *flow*, ou estado de fluxo. Sua família se refugiou na Itália, onde trabalhou como pintor de pôster para filmes, tradutor para a Faculdade de Medicina em Roma e garçom em um restaurante do pai. Posteriormente, mudou-se para os EUA para estudar psicologia. Inicialmente, ficou insatisfeito com a predominância do behaviorismo radical de Skinner, pois considerava essa psicologia mecanicista e demasiado voltada para recompensas e motivações extrínsecas. Como resultado da frustração, Csikszentmihalyi se mudou para a Universidade de Chicago, onde foi aluno de August von Hayek (1899-1992), que lhe apresentou as ideias de Karl R. Popper (1902-1994), e foi, também, aluno de Hannah Arendt (1906-1975) e Mircea Eliade (1907-1986) (Csikszentmihalyi, 2000, p. x-ii).

A partir de sua nova formação e de décadas de pesquisas, o psicólogo desenvolveu, gradativamente e em resposta ao behaviorismo, o conceito de *flow*, ou estado de fluxo, trazendo uma perspectiva teórica sobre a motivação intrínseca, e não como algo extrínseco. A teoria da autodeterminação (*Self determination theory* – SDT) de Deci e Ryan é uma teoria para o estudo da motivação humana que afirma haver motivação intrínseca (envolve engajamento na ação, pois a própria ação é envolvente, interessante e recompensadora) e motivação extrínseca (o engajamento na ação é para se obter uma contingência separada, e o objetivo final não é engajamento na atividade, mas evitar castigo ou recompensa). A motivação neste caso é controlada ou heterônoma e, no primeiro caso, autônoma. O *flow* é o protótipo de atividade intrinsecamente motivadora (Isham; Jackson, 2023, p. 7).

Para superar as ansiedades e depressões da vida contemporânea, indivíduos devem se tornar independentes do ambiente social até um nível em que eles não mais respondem exclusivamente em termos de suas recompensas e punições. Para adquirir tal autonomia, uma pessoa deve aprender a fornecer recompensas a si mesma. Ela tem que desenvolver a habilidade de encontrar fruição e propósito independentemente das circunstâncias externas. Esse desafio é tanto mais fácil quanto mais difícil do que parece: mais fácil porque a habilidade para fazê-lo está inteiramente nas mãos de cada um; mais difícil porque exige uma disciplina e perseverança que são relativamente raras em qualquer era e, talvez, especialmente, no presente. E, sobretudo, adquirir controle sobre a experiência exige uma mudança drástica de atitude sobre o que é importante e o que não é (Csikszentmihalyi, 2008, p. 16)⁵.

⁵ No original: “To overcome the anxieties and depressions of contemporary life, individuals must become independent of the social environment to the degree that they no longer respond exclusively in terms of its rewards or punishments. To achieve such autonomy, a person has to learn

O estado de fluxo, ou *flow*, envolve um engajamento ativo do indivíduo, assim como a busca da felicidade. O psicólogo húngaro-americano convida a humanidade a buscar, ativamente, ser mais consciente da própria responsabilidade no curso da própria vida e a depender menos de fatores extrínsecos para organizar a existência. Com esse conceito, o psicólogo se tornou um dos expoentes da psicologia da motivação e, no início dos anos 2000, um dos fundadores da psicologia positiva, junto com Martin Seligman (1942-). A psicologia positiva busca resgatar o horizonte de uma ética eudaimonista, porém, no contexto do mundo contemporâneo, e integrando métodos psicológicos de investigação. Uma grande influência para eles é Alasdair MacIntyre (1929-), ex-colega de Hösle na University of Notre Dame. Partindo do descritivo, a psicologia positiva visa à integração de reflexões sobre a vida feliz com resultados empíricos, chegando ao âmbito normativo. Isso pode ser criticável pela filosofia, que enfatiza uma prerrogativa normativa, mas defendemos que, com amparo na tradição filosófica, a psicologia pode fornecer contribuições e desafios para a tradição ética, uma vez que é a área que investiga as capacidades da mente humana, os acertos e erros dos indivíduos em seus diversos comportamentos e atitudes. Usaremos “psicologia do *flow*”,

to provide rewards to herself. She has to develop the ability to find enjoyment and purpose regardless of external circumstances. This challenge is both easier and more difficult than it sounds: easier because the ability to do so is entirely within each person's hands; difficult because it requires a discipline and perseverance that are relatively rare in any era, and perhaps especially in the present. And before all else, achieving control over experience requires a drastic change in attitude about what is important and what is not”. Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

aqui, considerando sempre que, a partir do início dos anos 2000, essa psicologia se torna parte da psicologia positiva.

Estudos ao redor do mundo, desde os anos 1970, mostram que, em diversos contextos e culturas nas quais se apresenta um senso profundo de fruição durante uma atividade, o estado de consciência vivenciado é descrito de maneira semelhante. Csikszentmihalyi escolheu o nome “*flow*” para esse estado de consciência, em função da repetida analogia apresentada pelos participantes: ser carregados/as por uma força externa, ou se mover sem esforço com uma corrente de energia nos momentos de alta fruição (Csikszentmihalyi, 2003, p. 37-39). O *flow* ilustra como a psicologia positiva opera: enquanto estado de consciência, o *flow* é investigado do ponto de vista descritivo, por meio de entrevistas ou do método de amostragem da experiência⁶. O resultado do *flow*, por sua vez, é uma performance ótima ou excelente de atividade, sendo o *flow* fonte de exemplos morais, uma fonte de inspiração e horizonte para uma vida mais feliz. Dito de outro

⁶ O conceito de *flow* foi estudado, inicialmente, em Chicago, nos EUA, e foi sendo estudado no Canadá, Alemanha, Itália (especialmente em Milão), Japão e Austrália. O auge foi nos anos 1990, mas ainda é bem estudado, inclusive em outros países, como o próprio Brasil – embora mais no campo da psicologia do esporte, educação física e terapia ocupacional (por exemplo: Franco, 2020; Massarela e Winterstein, 2009; Miranda Júnior *et al*, 2012, Millás, 2020; Vieira *et al*, 2011). Experimentos sobre *flow* foram feitos, só para exemplificar com a obra clássica de 1990, *Flow: a psicologia da experiência ótima*, na Coreia do Sul, na Índia, na Itália, tanto com ricos quanto com pessoas de baixa renda. O método utilizado foi o MAE – Método de amostragem da experiência (*Experience sampling method*). Esse método começou a ser empregado por Csikszentmihalyi e colaboradores em 1976, estudando trabalhadores adultos e, posteriormente, adolescentes. Ele envolve, basicamente, os seguintes passos: (i) foram aplicados questionários e foram feitas entrevistas; (ii) pediu-se às pessoas para utilizarem um *pager* (bipe) durante uma semana, anotando como se sentiam e o que estavam pensando sempre que o *pager* disparava. O dispositivo era acionado por um transmissor de rádio oito vezes por dia, aleatoriamente. Em seguida, (iii) os resultados eram interpretados a partir do cotejamento dos questionários com a transcrição das entrevistas e as anotações dos próprios sujeitos da pesquisa quando o *pager* disparava (Csikszentmihalyi, 2003, p. 4-5/242).

modo: a **experiência** do *flow* é trabalhada descritivamente pela psicologia, ao passo que o **resultado** do *flow* (uma performance ótima em qualquer atividade) pode ser fonte de inspiração e teorização moral. Note-se, porém, que o estado de fluxo pode ser viciante, havendo resultados negativos do *flow* em decorrência de algumas atividades, como no caso da delinquência juvenil, muitas vezes feita pelo estado mental que proporciona a quem o pratica (Csikszentmihalyi, 2008, p. 61).

Entre características do conceito de *flow*, temos: (a) metas claras (incluindo as etapas do processo, instrumentos necessários, etc.); (b) *feedback* imediato (critérios de performance e consciência de se estar indo bem ou não); (c) equilíbrio entre oportunidade e capacidade (inclusive a consciência do nível atual em certo ofício); (d) concentração profunda (imersão e engajamento no processos); (e) foco no presente; (f) abdicação do senso de controle; (g) alteração na percepção temporal (contração ou expansão, dependendo da natureza e do grau de precisão da tarefa); (h) perda do eu (sensação de se fazer parte de algo maior). Para a pessoa se envolver em uma atividade de modo profundo, ela deve saber (a) o que deve ser feito e quais passos se tomar. O que é envolvente para um montanhista não é chegar ao topo da montanha, mas qual o próximo passo a se dar para se avançar sem cair. O que mais envolve um jogador de videogame não é terminar o jogo, mas superar os desafios, aprender os comandos do jogo com maestria. O que mais cativa um pesquisador não é a publicação, mas o processo da pesquisa, da coleta de dados, busca de fontes, as correções. O foco na meta final pode, muitas vezes, prejudicar uma performance, sendo o processo

mais eficaz quando conduzido por etapas gradativas (Csikszentmihalyi, 2003, p. 42-55).

A imersão plena em uma atividade precisa de informação atual (b) acerca do que se está fazendo, se a performance está sendo boa ou não. Isso é dado pelos colegas de banda e plateia em uma performance artística, pela serenidade e expansão da consciência na meditação, não se abalando por distrações, pelas críticas de colegas a um texto escrito. Além disso, deve-se acreditar que a atividade pode ser concluída (c), e os desafios podem ser conquistados. Uma cirurgiã, por exemplo, pode achar o trabalho de uma psiquiatra entediante, e vice-versa, pois uma é mais desafiada pelo diagnóstico diferencial e pela lida com pacientes, enquanto a outra sente impelida a buscar novos níveis de precisão e de controle motor. A complexidade do desafio deve ressoar nas capacidades de superá-la, e isso varia de indivíduo para indivíduo: uns são mais aptos para esporte, outros, para as artes, alguns, para os dois. A concentração é ampliada (d) no estado de fluxo, tal como nas artes marciais ou na pintura. O resto do mundo como que desaparece por um instante, o que também é possível na imersão cinematográfica que uma crítica de cinema pode vivenciar. Conseqüentemente, (e) as preocupações do cotidiano sobre o que ocorreu no dia, as ansiedades quanto ao futuro desaparecem durante o *flow*, pois a atenção é no presente (Csikszentmihalyi, 2003, p. 43-50).

Durante o estado de fluxo, tem-se a sensação de controle da situação (f), como uma jogadora de xadrez que sente poder e capacidade no planejamento das jogadas, ou um cozinheiro que está certo de que seu prato agradará os clientes e lhes proporcionará uma nova experiência gastronômica. A

sensação de tempo é alterada (g), como em uma situação social na qual se conduz com tanta simpatia e elegância, que se tem a impressão de que quatro horas foram apenas uma, ou quando se dedica a exercícios de guitarra e se passa do tempo inicialmente pensado para a tarefa. O traço (h) da experiência do *flow* é a sensação de se perder o eu, fazendo-se parte de algo mais amplo, como o jogador de futebol que se sente um com o time, ou a famosa imagem do espadachim que se sente um com a espada.

Em termos de recepção mais recente, Isham e Jackson (2023, p. 2) indicam que o campo da psicologia ambiental vem explorado como experiências de *flow* podem ser ferramentas para apoiar resultados sustentáveis, como engajamento em atividades que envolvem menos emissão de gases do efeito estufa (por exemplo: jogos de tabuleiro, meditação, caminhadas e exercício físico em geral). Isso é consistente com um estudo nacional de Millás (2020, p. 18), mais voltado para o campo do esporte, que apresenta como a escalada permite o despertar dos sentidos e conexão com o ambiente natural, construindo-se uma postura ecológica. Parte dos estudos em psicologia ambiental relacionam a orientação materialista e estados de *flow*, geralmente concluindo uma relação inversamente proporcional. A psicologia ambiental, por sua vez, é um campo de vocação interdisciplinar, fundado formalmente como disciplina nos EUA no final dos anos 1960, tendo se propagado para vários países (Gifford, 2017, p. v-vi).

Valera e Vidal (2017, p. 47) também enfatizam a afinidade entre a psicologia ambiental e a psicologia positiva, da qual a teoria do *flow* de Mihaly Csikszentmihalyi faz parte,

como dissemos acima. Destaca-se o potencial ecológico do *flow* pela motivação intrínseca, a imersão na natureza e comportamentos ecológicos que ele proporciona. Com posse dessas informações, aprofundaremos nas ideias de Höhle, com intuito de mostrar como a psicologia de Mihaly Csikszentmihalyi potencializa suas concepções, possibilitando um diálogo entre filosofia da técnica e psicologia ambiental, via psicologia positiva como mediadora.

2. A crise ecológica, aprofundamento da filosofia da técnica

A obra central de Höhle sobre filosofia da técnica é *Filosofia da crise ecológica: conferências moscovitas*, de 1991. As “conferências moscovitas” do subtítulo remetem a conferências dadas na ex-URSS, inspiradas em resultados de um seminário sobre filosofia da técnica dado pelo filósofo na Universidade de Ulm, no semestre de inverno de 1989-1990, em diálogo com estudantes então soviéticos. O pensador italiano é muito influenciado por Hans Jonas (1903-1993) mas acrescenta, ao pensamento dele, reflexões sobre uma reorganização ecologicamente compatível da economia, notando que a filosofia da crise ecológica precisa da ajuda da filosofia da técnica e da economia, envolvendo soluções de alcance coletivo (Höhle, 1991, p. 16-17).

Nessa obra, Höhle (1991, p. 58) também reconhece os textos *O tempo da imagem do mundo* (1977) e *A questão da técnica* (1988), de Martin Heidegger, como uma influência, especialmente no caso das reflexões desse sobre a gênese da técnica moderna, a dessubjetivação e a desteleologização (ou seja, a anulação da ideia de que há finalidade no mundo natural) e, em seguida, a recriação da natureza como mundo

técnico de artefatos. A ciência e a técnica moderna são, nesse contexto, duas faces da mesma moeda: o experimento concretiza o princípio intelectual, redesenhando a natureza experimentalmente, abstraindo dos aspectos indesejados e perturbadores.

Devido à capacidade de abstração e da consciência de si próprio, a pessoa humana consegue se distanciar da natureza, ver-se como externa a ela e objetificá-la. Esse processo foi fundamental para o uso da técnica, mas teve como um efeito colateral uma separação brusca entre indivíduo e natureza. Outros efeitos perniciosos foram o deslocamento axiológico – ou seja, maior valor passa a ser atribuído ao inorgânico que ao orgânico, à máquina em detrimento do organismo – e a instrumentalização do próprio ser humano possibilitada por técnicas sociais, psicológicas e biológicas. O corpo humano, gradativamente, é substituído por objetos técnicos, o computador representando virtualmente uma perda de vínculo sensorio-motor com o mundo (Hösle, 1991, p. 58-60; 1992b, p. 91-95).

Notando esses problemas, Hösle enfrenta o problema em três vias. No plano (I) epistemológico e metafísico, defende uma abordagem não-dualista (Hösle, 1991, p. 43-68) a partir do idealismo objetivo supracitado, distanciando-se da concepção cartesiana de mecanicismo e de domínio inquestionável sobre a natureza. Na via ética (II), o filósofo aponta a importância de uma ética voltada para valores, mais inspirada em Max Scheler (1874-1928) e Hans Jonas do que em Immanuel Kant (1724-1804) sem, todavia, recair em uma ontologia aristotelizante, com auxílio do realismo moral, brevemente apresentado na seção anterior (Hösle, 1991, p. 70-95).

No plano econômico e político (III), Hösle (1991, p. 113-114) alega ingenuidade na oposição entre capitalismo e ecologia, assim como de propostas de “retorno à natureza”, baseado na eficácia do próprio capitalismo na resolução de problemas como desnutrição e meio-ambiente. Eficiência e parcimônia, por exemplo, são virtudes não só econômicas, mas também ecológicas. Critica, porém, os excessos do capitalismo e o luxo das elites, sendo importante um retorno moderado a valores ascéticos (Frazão; Brasil, 2022, p. 127-149; Hösle, 1991, p. 78-81/111-112/132-136).

As considerações éticas de Hösle enfatizam a responsabilidade pelas novas gerações, e a ideia de que a natureza e as gerações futuras também devem possuir direitos, inclusive o mais fundamental, o direito à vida. Na proposta de diálogo com Csikszentmihalyi, abordaremos as vias (II) e (III). Para abordarmos a questão ética, devemos observar possíveis relações entre a psicologia do *flow* e filosofia apontadas pelo próprio fundador do conceito:

O conceito de *flow* é semelhante às ideias de muitos escritores prévios, **embora suas noções básicas tenham emergido de pesquisa psicológica, e não da leitura de outros autores.** (...) No Ocidente, a noção de virtude de Aristóteles se baseava em agir pela excelência na própria ação [MacIntyre, 1984]. Marco Aurélio e os estoicos disseram muitas das mesmas coisas, e Dante Alighieri, em *De Monarchia*, descreve a plenitude do ser como agir com total envolvimento e prazer (Csikszentmihalyi, 2018, p. 299; grifo nosso)⁷.

⁷ No original: “The concept of flow is similar to the ideas of many previous writers, **although its basic elements emerged from psychological research, not from reading other authors.** (...) In the West, Aristotle’s notion of virtue was based on acting for the sake of excellence in the action itself [MacIntyre, 1984]. Marcus Aurelius and the stoics had said many of the same things, and Dante Alighieri, in the *De Monarchia* describes the fullness of being as acting with total involvement and joy”.

O psicólogo húngaro-americano não só filia seu conceito a uma tradição longa de reflexões éticas, mas também aponta uma diferença crucial: o conceito do estado de fluxo surgiu da investigação psicológica de estados de consciências após observação e estabelecimento de hipóteses, seguidas do uso de um método para investigar esses estados. Retomamos o já mencionado acima, pois é um ponto crucial e desafiador da psicologia de Mihaly Csikszentmihalyi: a investigação do fenômeno é descritiva, mas possui consequências normativas e bases para reflexões éticas. As experiências de *flow* podem nos conduzir a uma vida com maior felicidade e ao exercício da excelência em atividades mais diversas, permitindo, assim, atitudes éticas. Desse modo, a psicologia positiva esbarra em fronteiras, entre o descritivo e o normativo, e isso é recorrente na psicologia, em que a preocupação com a vida boa e com as atitudes humanas é parte central da abordagem de várias correntes desse campo: a psicanálise, a psicologia cognitiva – que reconhece no estoicismo uma de suas origens –, e a psicologia humanista, para nomear algumas.

No caso da ecologia, contudo, a normatividade é central, pois estamos lidando com direitos da natureza e das gerações futuras. Nesse âmbito, o pensamento de Hösle fornece contribuição à psicologia positiva, que é muito focada na ética teleológica. O elemento deontológico fornecido pelo filósofo ítalo-germânico, portanto, permite-nos enriquecer a psicologia positiva.

Csikszentmihalyi observa, em sua obra *Criatividade: flow e a psicologia da descoberta e invenção*, de 1996, que o ser humano passou a controlar a natureza e a compreender o mundo de tal modo a ser considerado uma espécie de

criador, passando do espanto ao poder. No entanto, a humanidade ainda não percebeu a grande responsabilidade que é vinculada à capacidade criadora:

Os deuses dos antigos, como Shiva, como Jeová, eram tanto construtores quanto destruidores. O universo persiste em um equilíbrio precário entre sua piedade e sua ira. O mundo que habitamos hoje também oscila entre se tornar ou um amável jardim ou um deserto infértil que nossos impulsos contrários lutam para proporcionar. O deserto possui chances elevadas de prevalecer se ignorarmos o potencial destrutivo que nossa administração responsável implica e seguirmos abusando cegamente de nossos poderes recém-adquiridos (Csikszentmihalyi, 2013, p. 5-6)⁸.

A criatividade e a técnica podem levar a resultados fantásticos, mas também podem levar ao fim da humanidade e de outras espécies. O texto de Csikszentmihalyi nos recorda bastante as reflexões de Höhle e de Jonas, embora o psicólogo e o filósofo não se inspirem teoricamente um no outro.

Outro exemplo de confluência dos dois pensadores é o uso da técnica e a geração de necessidades, que nos conduz à terceira via da investigação do pensador ítalo-germânico: com a técnica, muitas necessidades são satisfeitas, mas novas carências são geradas (Höhle, 1991, p. 59-60; 1992b, p. 91), e isso é um paradoxo da técnica que impulsiona o materialismo e o consumismo. A respeito do materialismo, a reflexão de Csikszentmihalyi pondera dois aspectos:

⁸ No original: “The Gods of the ancients, like Shiva, like Jehova, were both builders and destroyers. The universe endured in a precarious balance between their mercy and their wrath. The world we inhabit today also teeters between becoming either the lovely garden or the barren desert that our contrary impulses strive to bring about. The desert is likely to prevail if we ignore the potential for destruction our stewardship implies and go on abusing blindly our new-won powers”.

Não é que o materialismo, em si, seja mal, porque até certo ponto, possuir e utilizar artefatos nos torna mais felizes. Todo mundo é um materialista até certo ponto, e nós não seríamos humanos se não o fôssemos. Porém, muitas pesquisas recentes sugerem que a preocupação excessiva pela possessividade material é pouco saudável. Pessoas que obtêm escores elevados em valores materiais tendem a ser mais deprimidas, a ter menos amigos e relacionamentos menos estáveis. Elas são menos curiosas, menos interessadas na vida, mais facilmente entediadas. Depender de coisas para a própria felicidade conduz a um jogo sempre crescente de soma zero: como um vício, isso exige doses constantes de aquisições, nenhuma das quais, em última instância, significa muito (Csikszentmihalyi, 2003, p. 28)⁹.

De acordo com os princípios do *flow*, o materialismo é problemático porque busca metas extrínsecas, a motivação está fora do sujeito. Do ponto de vista filosófico, Hösle não usa o termo “materialismo” para se referir a essa mentalidade de consumo, mas discute o consumismo e hábitos nocivos ao meio-ambiente. Por exemplo, conciliando o realismo moral com a ética dos valores de Max Scheler, Vittorio Hösle (1991, p. 93) afirma a importância de se questionar o sistema consumista de valores, pelo qual se atribui mais valor à mobilidade privada, do que ao transporte coletivo, e que valoriza mais quem possui automóvel do que o indivíduo que usa bicicleta ou que faz caminhadas. Os próprios modelos da época contemporânea inspiram o consumismo: artistas de rock e de música pop, *rappers* e jovens esportistas, tendo

⁹ No original: “It is not that materialism in itself is bad, because up to a certain point owning and using artifacts makes us happier. Everyone is a materialist to some extent, and we wouldn’t be human if we were not. But much recent research suggests that excessive concern for material possessions is unhealthy. People who score high on material values tend to be more depressed, have fewer friends, less stable relationships. They are less curious, less interested in life, more easily bored. Depending on Things for one’s happiness leads to an ever-escalating zero sum game: like an addiction, it requires constant doses of acquisitions, none of it ultimately counts for much”.

Aquiles sido substituído pelo *Marlboro-man* dos anos 1990 (Hösle, 1991, p. 79-80). Aproximando os dois pensadores, podemos afirmar que ambos criticam um sistema de valores em que o consumismo e a valorização excessiva de bens materiais sejam predominantes. Também nesse caso, o pensamento de Hösle fornece elementos normativos para Csikszentmihalyi e este contribui para aquele com a possibilidade de expansão sobre os aspectos econômicos e comportamentais em jogo, além da abertura para um diálogo interdisciplinar.

Vejam, em seguida, como estudos mais recentes sobre psicologia ambiental permitem um refinamento desse diálogo entre ecologia e economia, psicologia positiva e filosofia da técnica.

3. *Flow* e consciência ambiental

Especificamente no caso do *flow* e de seu vínculo com a psicologia ambiental, ilustraremos com aplicações frutíferas do conceito em três âmbitos que dialogam com a economia e com o pensamento de Hösle: (α) *consumo*, (β) *trabalho* e (χ) *técnica*.

No que tange ao (α) *consumo*, o estudo de Hoang e Khoa (2022, p. 198) mostra que compras de impulso são um tema que tem instigado pesquisadores, e estima-se que cerca de 40% de todas as compras feitas *on-line* são compras de impulso. A geração Z, que inclui nascidos entre 1995 e início dos anos 2010, corresponde a cerca de 32% da população mundial e foi a primeira a crescer em um ambiente digital por inteiro. Trata-se de uma geração materialista e com expectativas de interagir com os negócios via redes sociais. Há

possibilidade de experiência de *flow* no ato da compra, considerando a etapa de pesquisa, a interatividade no *website* ou no aplicativo de compra, a qualidade do serviço, o senso de entretenimento e a linguagem utilizada. Isso tudo pode possibilitar imersão, concentração e até senso de desafio, características do *flow* (Hoang; Khoa, 2022, p. 199). Isso é consistente com a ideia de que o *flow* pode ser viciante (Csikszentmihalyi, 2008, p. 61).

É digno de nota, todavia, retomar o estudo supracitado de Isham e Jackson (2023, p. 3-4), mais detalhado em relação a esse ponto. O conceito de *flow* é importante em estudos de consumo e comportamento, ocorrendo, no comércio *on-line*, curiosidade para se saber mais acerca do produto e de suas características. Quando a meta é comprar um presente, por exemplo, a atividade se mostra mais desafiante e propensa a gerar o *flow*. O materialismo é associado a posses, inveja, não-generosidade, dinheiro e imagem pessoal, em detrimento de saúde, relacionamentos e crescimento pessoal:

Níveis baixos de força autorreguladora podem limitar a duração a que indivíduos podem administrar, efetivamente, sua atenção ou desenvolver habilidades suficientes para experimentar o *flow*. Além disso, a maneira como os indivíduos usam sua força autorreguladora também parece ser relevante para se compreender por que valores e objetivos materialistas são negativamente associados com experiências de *flow*. Isham *et al.* [2021b] descobriram que indivíduos altamente materialistas tendiam a tentar evitar entrar em contato com pensamentos, sentimentos e eventos negativos (Isham; Jackson, 2023, p. 6)¹⁰.

¹⁰ No original: “They found that more materialistic individuals tended to have lower trait levels of self-regulatory strength which, in turn, was linked to a lesser tendency to experience flow in their daily lives. Low levels of self-regulatory strength may limit the extent to which individuals can

Havendo menos esforço, há menos possibilidade de se experimentar o *flow* e baixa nos níveis de força autorreguladora (Isham; Jackson, 2023, p. 7), sendo que objetivos materialistas podem limitar a experiência de *flow* em atividades de compra, voltando a motivação para fatores extrínsecos, para as coisas. Esses pontos são mais descritivos, mas trazem implícita uma normatividade, a saber: o consumismo ou leva ao *flow* como experiência viciante, o que é preocupante ética e psicologicamente (caso do estudo de Hoang e Khoa); ou não permite experienciar o *flow*, pois não fornece desafio; reafirma o eu, identificando-o com bens materiais, ao invés de proporcionar um estado de dissolução do eu; não fornece *feedback* imediato, e nem transmite sensação de controle da situação (estudo de Isham e Jackson). Portanto, no âmbito normativo, não basta que os indivíduos vejam o *flow* como uma atividade excelente, mas, além disso, ela não pode ser viciante, pois priva o indivíduo de sua autonomia.

Retomando Hösle (1991, p. 79), ele pensa normativamente (α), afirmando que o ascetismo é importante para dosar os impulsos consumistas. A capacidade de valorizar os limites e a capacidade de se saciar com pouco são uma virtude praticada e teorizada por filósofos antigos e medievais. Em sua obra, também é ilustrado que os romanos tinham consciência de que as elites políticas tinham que servir de exemplo para a população, e isso envolvia evitar o luxo desmedido

effectively manage their attention or develop sufficient skills to experience flow. What's more, the way in which individuals use their self-regulatory strength also seems to be relevant for understanding why materialistic values and goals are negatively associated with flow experiences. Isham et al. [2021b] found that highly materialistic individuals tended to try to avoid being in contact with negative thoughts, feelings, and events”.

que leva a problemas morais devido à falta de temperança e de limites (Hösle, 1991, p. 132). A ideia de buscar hábitos que proporcionem mais *flow* saudável, ao invés de consumir desmesuradamente, é conciliável com essas observações histórico-normativas.

No que diz respeito ao *trabalho*, Mihaly Csikszentmihalyi se preocupa se, no século XXI, as firmas buscarão satisfazer a ganância de seus donos ou a estabilidade da comunidade, a saúde do ambiente. O psicólogo húngaro-americano enfatiza a importância de atividades mais favoráveis ao meio ambiente, e de materiais sustentáveis para o montanhismo, por exemplo (Csikszentmihalyi, 2003, p. 3; 13).

Uma visão de negócios do século XXI deve se preocupar com excelência, com as pessoas, e com o ambiente mais amplo, tornando os negócios em algo mais que meramente lucro, em experimento criativo pela melhora na qualidade de vida. Os investidores e investidoras, por sua vez, devem ser mais seletivos/as com o tipo de investimento que fazem, dentro do possível, apoiando negócios responsáveis (Csikszentmihalyi, 2003, p. 199-208).

Muitos empregos não fornecem *feedback* adequado, não possuem objetivos claros, não fornecem oportunidades para desafios e refinamento de competências; apresentam fragmentação e falta de controle, o uso do tempo é especificado pelo ritmo exterior ao trabalho. Portanto, muitos empregos da atualidade são obstáculos à ocorrência das experiências de *flow*. A cultura consumista faz muito para desvalorizar o trabalho em geral, exaltando o relaxamento, conforto material e prazer, transmitindo a ideia do trabalho como algo desagradável (Csikszentmihalyi, 2003, p. 92-99).

No que tange a (β), observamos menos elementos em Hösle (1991, p. 119). Destacam-se a defesa de que executivos possam dialogar com setores diversos da sociedade e, em sua formação, estudar noções básicas de ciências naturais e sociais. Também é enfatizada a ideia de empresários dinâmicos, capazes de criar novos postos de trabalho em setores da economia que dialoguem com a ecologia. Um ponto bem atual de suas considerações sobre o trabalho consiste no rearranjo da relação trabalho-habitação, sendo o urbanismo de crucial importância para a questão ecológica (Hösle, 1991, p. 134). O teletrabalho se mostra um acréscimo pertinente a essa discussão, uma vez que permite trabalhar longe de uma empresa ou escola, evitando gastos ambientais com o deslocamento, e muitas reuniões podem ser *on-line* (Hösle, 2021, p. 240-241).

Finalmente, retomando o tema da *técnica*, é notável o exemplo de Barry Commoner (1917-2012), um dos entrevistados por Csikszentmihalyi (2013, p. 292) em sua principal obra sobre criatividade. Commoner foi um dos primeiros cientistas a perceber, nos anos 1960, que alguns dos frutos da tecnologia (resíduos nucleares, pesticidas e resíduos sólidos) eram perigosos à saúde humana. O cientista tentou influenciar o público sobre as questões ecológicas por meio de muitos livros, como *Science and Survival* (1966), e dirigiu o Centro de Biologia de Sistemas Naturais da Universidade da Cidade de Nova Iorque durante muitos anos.

Um exemplo é o caso da iodina residual de testes nucleares em Nevada, que foi levada pelo vento a pastos em Utah, contaminando vacas e pastos. Crianças que beberam o leite dessas vacas desenvolveram gota e tumores na tireoide, em

virtude do depósito de iodina proveniente do leite bebido (Csikszentmihalyi, 2013, p. 292). O próprio *flow* pode ser experimentado em atividades destrutivas, e muitos dos físicos envolvidos com o Projeto Manhattan se lembram da euforia de trabalhar no desafiante problema de construir uma bomba nuclear (Csikszentmihalyi, 2018, p. 207).

O ponto (χ) já foi abordado em Hösle, mas convém acrescentarmos elementos normativos para dialogar com Csikszentmihalyi e expandir o seu potencial. A técnica contemporânea permite um distanciamento tão grande que as guerras são tratadas à distância, não se tendo mais uma relação face a face com colegas e tampouco com os adversários, tornando as mortes extremamente impessoais, desumanizando o confronto e as vítimas do poder bélico (Hösle, 1991, p. 82-34). Dessa forma, também em Hösle temos indicação de efeitos nocivos da técnica, inclusive esse efeito psicológico.

Considerações finais

A filosofia da técnica de Vittorio Hösle é potencializada pela psicologia de Mihaly Csikszentmihalyi e por estudos recentes de psicologia ambiental, tanto por mostrar a abertura daquela ao diálogo com outras áreas – o que o próprio filósofo propõe em seus textos sobre o assunto – quanto por adquirir, por meio dessa interação, mais conteúdo empírico, tornando-se ainda mais palpável em termos da discussão econômica. O que mais aproxima os dois pensadores, além do *pathos* moral de seus escritos, são a crítica ao consumismo e o alerta para os perigos da técnica moderna – sem propor, todavia, um retorno a tempos pré-modernos. Os dois

pensadores consideram o capitalismo adequado para lidar com questões ecológicas, desde que pensado em seus melhores aspectos (livre iniciativa, criatividade, dinamismo) e corrigido em seus aspectos mais perniciosos (consumismo exacerbado, luxo e ganância). É importante salientar que os dois autores que foram nosso foco neste artigo têm sido mais traduzidos desde 2019, sendo um exemplo a tradução da *Filosofia da crise ecológica* (Hösle, 2019) para o português brasileiro. O artigo é escrito não só pela pesquisa e interesse no tema, mas também na esperança de fomentar o estudo em duas das maiores mentes do século XX no Brasil, com a esperança de que os idiomas originais não se mostrem mais um obstáculo para, pelo menos, algumas obras dos autores em questão.

Abstract: We aim at presenting a debate proposal between Vittorio Hösle (1960-)’s philosophy of technology and environmental psychology, more specifically Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021)’s flow psychology. Hösle’s reflections on technology and ecology are an expansion of Hans Jonas’ (1903-1993) philosophy, although emphasizing other topics, such as values and economy. Based in parallels between Hösle and Csikszentmihalyi’s accounts, we attempt to verify affinities between environmental psychology and Hösle’s theses. Furthermore, based on current studies on flow psychology and environmental psychology, we verify if there is an amplification of philosophy of technology with the empirical content regarding ecology and economy, aiming at a deepened bond between both domains, such as proposed by Hösle himself, fostering the study of both thinkers, still pending further research in Brazil.

Keywords: Csikszentmihalyi, environmental psychology, *flow*, Hösle, philosophy of technique.

Referências bibliográficas

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Good Business: Leadership, flow and the making of meaning*. Nova York: Viking, 2003.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow. The Psychology of Optimal Experience*. Nova York: Harper Perennial Modern Classics, 2008.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Creativity: flow and the psychology of discovery and invention*. Nova York: Harper Collins Perennial Modern Classics, 2013.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *The Evolving Self: a Psychology for the Third Millenium*. Nova York: Harper Collins Perennial Modern Classics, 2018.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Preface to the 25th Anniversary Edition. In: CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly *et al.* *Beyond Boredom and Anxiety: Experiencing Flow in Work and Play*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000, p. ix-xxviii. Disponível em: <<https://archive.org/details/beyondboredomanx0000csik>>. Acesso em: 01 ago 2022.

FRANCO, Juliano Marques *et al.* Benefícios psicológicos do *slackline*: relação entre estado de fluxo, tempo de prática e qualidade de vida. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 1-3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e65123>>.

Acesso em: 24 jan. 2024.

FRAZÃO, Camila Giovanna Xavier de Oliveira; BRASIL, Deilton Ribeiro. A crise ecológica do século XXI: considerações a partir da filosofia de Vittorio Hösle. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas* (UNIFAFIBE), v. 10, n. 1, p. 127-149, 2022. Disponível em: <<https://portal.unifafibe.com.br/revista/index.php/direitos-sociais-politicas-pub/article/view/1138>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

GIFFORD, Robert. Preface. In: FLEURY-BAHI, Ghazlane; POL, Enric; NAVARRO, Oscar. (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research*. Berlim/Heidelberg: Springer International Publishing, 2017. p. v-vi.

HARDY, Anne; BUNING, Richard. J.; BORDREAU, Patrick.; THOMAS, Jeffrey. When Flow Meets Business: A Study of Mountain Biking. *Annals of Tourism Research Empirical Insight*, v. 4, n. 2, p. 100-102, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.annale.2023.100102>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

HOANG, Canh Chi; KHOA, Bui Thanh. Impulse Buying Behavior of Generation Z Customers in Social Commerce: Flow Theory Approach. *Journal of Logistics, Informatics and Service Science*, v. 9, n. 4, p. 197-208, 2002. Disponível em: <<http://www.aasmr.org/liss/Vol.9/No.4%202022/Vol.9.No.4.13.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

HEIDEGGER, M. Die Zeit des Weltbildes. In: *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977. p. 75-113.

HEIDEGGER, M. Die Frage nach der Technik. In: *Die Technik und die Kehre*, Pfullingen: Verlag Günther Neske, 1988. p. 5-36.

HÖSLE, V. *Philosophie der ökologischen Krise: Moskauer Vorträge*. Munique: Verlag C. H. Beck, 1991.

HÖSLE, V. Vorwort. In: *Praktische philosophie in der modernen Welt*. Munique: C. H. Beck, 1992a. p. 9-13.

HÖSLE, V. Warum ist das Technik ein philosophisches Schlüsselproblem geworden? In: *Praktische philosophie in der modernen Welt*. Munique: C. H. Beck, 1992b. p. 87-108.

HÖSLE, V. *Die Krise der Gegenwart und die Verantwortung der Philosophie: Transzendentalpragmatik, Letztbegründung, Ethik*. 3. ed. Munique: C. H. Beck, 1997.

HÖSLE, V. *Filosofia da crise ecológica: conferências moscovitas*. Trad. G. Assumpção. São Paulo: LiberArs, 2019.

HÖSLE, V. *Globale Fliehkräfte – eine Geschichtsphilosophische Kartierung der Gegenwart*. 3. ed. Freiburg/Munique: Verlag Karl Alber, 2021.

HÖSLE, Vittorio. Principles of morals, natural law, and politics in dealing with refugees, In: DONATI, Pierpaolo (org.). *Towards a Participatory Society: New Roads to Social and Cultural Integration*. Cidade do Vaticano: Pontifical Academy of Social Sciences, 2017. p. 260–286. Disponível em: <<https://www.pass.va/content/dam/casinapioiv/pass/pdf/volumi/acta/acta21pass.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

HUNTER, Jeremy; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. The Phenomenology of Body-Mind: The Contrasting Cases of Flow in Sports and Contemplation. *Anthropology of Consciousness*, v. 11, n. 3-4, p. 5-24, 2000. Disponível em: <<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/ac.2000.11.3-4.5>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ISHAM, Amy; JACKSON, Tim. Flow Experiences in Shopping Activities: Testing Materialistic Goal Orientation as an Antecedent. *Psychological Reports*, v. 0, n. 10, p. 1-23, 2023. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00332941231159615>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

JONAS, H. *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.

JONAS, H. *Materie, Geist und Schöpfung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

MASSARELLA, Fábio Luiz; WINTERSTEIN, Pedro José. A motivação intrínseca e o estado mental *flow* em corredores de rua. *Movimento*, v. 15, n. 2, p. 45-68, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2659/5134>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MILLÁS, Cláudia Regina Garcia. O corpo-em-fluxo na escada em ambiente natural: possibilidades de emancipação. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-20, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e73972/44050>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MIRANDA JÚNIOR, Márcio Vidigal *et al.* Análise do *Flow-feeling* no tênis. *Rev. educ. fis. UEM*, v. 23, n. 4, p. 607-615, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/revuem/a/kx68JHjf8Pzk9ny5rvVMt6C/?lang=pt%23:~:text=O%20flow%2Dfeeling%20pode%20ser,experi%C3%AAncias%20altamente%20positivas%20e%20agrad%C3%A1veis.>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

VALERA, Sergi; VIDAL, Tomeu. Some Cues for a Positive Psychology Environmental Agenda. In: FLEURY-BAHI, Ghazlane; POL, Enric; NAVARRO, Oscar (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research*. Berlin/Heidelberg: Springer International Publishing, 2017. p. 41-64.